

Geopolítica do Ártico

Arctic Geopolitics - From Cooperation to Conflict
Andreas Østhagen

O Ártico: uma Região em Transformação
Beatriz dos Santos Silva

Desafios Políticos e Securitários Decorrentes do Degelo no Ártico
João Barreiros

Desafios Securitários na Região Ártica
João Leal

De Espetador a *Near-Arctic State*: as Ambições Chinesas no Polo Norte
Paulo Afonso B. Duarte

DIRETORA

Isabel Ferreira Nunes

COORDENADOR EDITORIAL

Luís Cunha

CENTRO EDITORIAL

António Baranita e Luísa Nunes

PROPRIEDADE, DESIGN GRÁFICO E EDIÇÃO

Instituto da Defesa Nacional

ISSN 2182-5327

Depósito Legal 340906/12

Geopolítica do Ártico

Arctic Geopolitics – From Cooperation to Conflict?

Andreas Østhagen

Senior Researcher, Fridtjof Nansen Institute and High North Center, Nord University.

The Russian invasion of Ukraine in February 2022 marks a watershed in relations between the West and Russia, including in the Arctic. Still, the Arctic states have limited reason, if any at all, for entering into direct regional conflict over resources or territory in the whole Arctic region. Thus, to understand the changing geopolitics of the Arctic region, we must separate between (1) the way the Arctic – or more accurately parts of the Arctic – is used for strategic purposes, and (2) intra-Arctic specific issues that involve Russia, which have a latent conflict potential.

Although the reason for increased tension does not primarily emerge from the Arctic, the Arctic is undoubtedly important for Russian military doctrines and thus also in a larger deterrence perspective as seen from NATO and its member states. Up until 2022, it has been the conclusion by decision-makers and scholars alike that Russia has been served with stable relations in the North also from a purely self-interest perspective. Moreover, Russia signalled a continued desire to keep cooperation on low-level issues sheltered.

These interests are now shifting away from a desire to keep Arctic relations peaceful, as some of the economic projects in the North are more difficult to complete due to sanctions, and Russia has been excluded from various cooperative forums in the North. Forums for cooperation in the Arctic have been suspended, and thoughts of a security

policy dialogue with Russia in the North have been shelved. The goal of reduced tension and dialogue with Russia in the North has been replaced by a halt in cooperation in some areas and an increased need to deter Russia in the Arctic at large, and in the High North (i.e., European Arctic) specifically.

In consequence, the European High North is becoming even more central to operational defence and security policy thinking in both Arctic countries and NATO in general. This would have been the case even without the Finnish and Swedish accessions to NATO: the more tension between NATO and Russia, the more relevant the High North is in terms of deterrence, surveillance, and ability to deny Russian access to the Atlantic. These trends are further amplified by the Finnish and – probable – Swedish NATO membership, in effect making the Baltic Sea surrounded by NATO countries. It is reasonable to expect that Russia in turn will place further emphasis on the ability to deter threats from both land and sea in the Barents region, to protect its nuclear triad and second-strike capabilities. The fear is also that we will see increasingly belligerent military behaviour in the North from Russia, vis-à-vis the Nordics.

In this context, small disputes in the Arctic, over sovereign rights at sea, the legal status of passageways or maritime zones, or (un)intended mishaps during military exercises and operations, might escalate beyond

immediate control. Such escalation could drag the Arctic (or parts of the Arctic) into an outright conflict between Russia and NATO members. This is arguably the most troublesome aspect of the current political situation in the North, where transnational dialogue and multilateral cooperation are needed to alleviate pressures.

Furthermore, great power rivalry in the Arctic will increase, as the United States, Great Britain, France, the EU, India, Turkey and China look more to the North for strategic and symbolic reasons. The worse the relationships among these players are globally, the more tension we will see in the Arctic, which is materialised by challenging statements, sanctions, and occasional military displays. This became particularly apparent in 2022 after Russia's invasion of Ukraine. Such tension has little to do with regional issues in the Arctic (ice melting, economic opportunities, etc.), and everything to do with the strategic position that the Arctic holds between these actors. Moreover, for some actors like India, China and Turkey, it seems that being seen as taking part in Arctic discussions and showcasing an Arctic interest is in and of itself a goal, linked to global politics and posturing.

From the perspective of Norway and Finland, as Arctic NATO members bordering Russia, it is clear that the biggest challenge and concern is how to deter Russia from aggressive behaviour in that region, while maintaining low tension in the same domain. Norway, for example, needs allied support, but does not want uncoordinated allied actions that might cause more friction in the Barents Sea. On the one hand, it is a question of coordination and knowledge amongst NATO allies. On the other hand, it is a question of mechanisms to manage unintended (or even intended) escalation in the North. Examples of the latter are the so-called "hotline" between the Norwegian Armed Forces HQ and the

Northern Fleet, and the INCSEA agreement with Russia amended in 2021.

It should also be highlighted that despite the unravelling of relations after 2022, Russia and its Nordic neighbours have maintained certain functional relations in order to deal with practical issues ranging from environmental protection to resource co-management. This, in turn, means that notions about conflict and cooperation are not necessarily mutually exclusive but are components in a more complex picture of the North and the Arctic. Still, it is clear that what remains of the 'cooperative Arctic spirit' is now funnelled into cooperation – including on security issues – amongst the seven Arctic countries excluding Russia. Whether tension will further increase in the North, depends on both the length and scale of the Ukraine war, and whether Russia chooses to further escalate through military and/or political actions in the Arctic or areas beyond.

O Ártico: uma Região em Transformação

Beatriz dos Santos Silva

Pós-graduada em Gestão de Informações e Segurança pela NOVA IMS.

O Ártico é a região do globo que mais se situa a Norte, em torno do Polo Norte. Não existe uma única definição para os limites da região, contudo a mais consensual é pela linha imaginária do Círculo Polar Ártico (66° 33' N). Apesar de 65% corresponder ao Oceano Glaciar Ártico, que por sinal se encontra congelado na maior parte do tempo, a região também é constituída por territórios que pertencem a oito países distintos: Rússia, Estados Unidos da América (EUA) (através do Alasca), Canadá, Gronelândia (região autónoma da Dinamarca), Noruega, Suécia, Finlândia e Islândia.

Até há poucas décadas, o Ártico era uma zona do globo remota e de pouco interesse para as grandes potências mundiais, contudo, as alterações climáticas têm vindo a alterar este paradigma, na medida em que a perda de gelo tem levado a uma reconfiguração nas rotas de navegação e tem aberto a possibilidade de exploração de recursos naturais, que até então eram inatingíveis. Assim, se outrora a região era caracterizada pela sua excecionalidade, nos dias de hoje tem sido objeto de crescente atenção e interesse por parte das grandes potências mundiais, incluindo a China¹.

A invasão da Ucrânia pela Rússia foi um dos grandes fatores que contribuiu para o fim da era da excecionalidade na região. Este ato foi percebido pelos Estados do Ártico como uma ameaça à sua integridade, tendo levado a que a Suécia e a Finlândia quebrassem o seu estatuto de neutralidade e a sua política de não alinhamento, ao manifestarem a sua intenção em pertencer à NATO. A Rússia é única nação do Ártico que não pertence à aliança.

De facto, estes aspetos colocam a região ártica numa posição de destaque, pois opõe diretamente os EUA/NATO e a Rússia e qualquer escalada militar irá colocar em causa a cooperação e o sentimento de segurança na região. Isto verificou-se a 3 de março de 2022, quando o Canadá, a Dinamarca, a Finlândia, a Islândia, a Noruega, a Suécia e os EUA publicaram uma Declaração Conjunta sobre a Cooperação do Conselho do Ártico² a condenar a Rússia. Nessa declaração, o "Ártico 7" referiu que a sua atitude se tornava num grave impedimento à cooperação no Ártico, justificando que violava os princípios fundamentais da soberania e da integridade territorial, que há muito sustentam o trabalho do Conselho³. Além disso referiram que não iriam continuar a participar nas reuniões do Conselho, e que todas as atividades de

cooperação com a Rússia seriam suspensas. Outros fóruns da região, como o Barents Euro-Atlantic Council (BEAC) e o Council of the Baltic Sea States (CBSS) também seguiram o exemplo do Conselho do Ártico e descontinuaram a participação da Rússia nas reuniões.

Além do impacto que a guerra na Ucrânia teve na cooperação, a crescente militarização no Ártico por parte da Rússia também se tem vindo a fazer sentir: nas últimas décadas, além de ter aumentado a sua capacidade militar, a Rússia tem investido na requalificação de infraestruturas militares, que tinham sido abandonadas desde a Guerra Fria; além disso, tem estado a preparar-se para testar um novo míssil de cruzeiro, movido a energia nuclear⁴. O aumento das ameaças híbridas na região também tem sido um fator de alarme, sendo um exemplo claro a possível sabotagem dos oleodutos Nord Stream 1 e 2. Como resposta, os EUA têm, através da NATO, realizado exercícios de demonstrações militares e no início deste ano foi anunciado o Steadfast Defender 2024. Este exercício tem como principal objetivo demonstrar a capacidade militar da organização no âmbito de um cenário simulado de conflito emergente e contará com a participação de 90.000 soldados, provenientes dos 31 Estados-membros. Além dos soldados, também contará com cerca de 50 navios de guerra, 80 aviões e 1.100 veículos de combate⁵.

Posto isto, se anteriormente o *slogan* que caracterizava a região era *high north, low tension*, nos dias de hoje seria *high north, high tension*, pois o Ártico tem vindo a tornar-se num teatro de operações militares e de estratégia de grande relevância internacional, principalmente após a invasão da Ucrânia pela Rússia.

Notas

¹ Ideia de que apesar dos constrangimentos e das disputas geopolíticas existentes no resto do mundo, o Ártico distingue-se pela sua neutralidade, onde todos os atores cooperam pacificamente entre si. Ver Kornhuber, K., *et al.*, 2023. The Disruption of Arctic Exceptionalism: Managing Environmental Change in Light of Russian Aggression.

² O Conselho do Ártico é o principal fórum intergovernamental da região e tem como principais objetivos promover a cooperação, a coordenação e interação entre os Estados do Ártico, os povos indígenas do Ártico e outros habitantes da região em questões comuns da região, sobretudo relacionadas com o desenvolvimento sustentável e a proteção ambiental.

³ U.S. Department of State, 2022. Joint Statement on Arctic Council Cooperation Following Russia's Invasion of Ukraine. *U.S. Department of State* [online], March 3.

⁴ Mellen, 2023. Russia May Be Planning to Test a Nuclear-Powered Missile. *The New York Times*.

⁵ Euronews, 2024. NATO anuncia manobras militares na Europa em décadas.

Bibliografia

U.S. Department of State, 2022. Joint statement on Arctic Council Cooperation following Russia's invasion of Ukraine. *U.S. Department of State* [online], March 3. Available at: <https://www.state.gov/joint-statement-on-arctic-council-cooperation-following-russias-invasion-of-ukraine/> (Accessed: 13 December 2023).

Arctic Council, n.d. About the Arctic Council. *Arctic Council* [online]. Available at: <https://arctic-council.org/about/>

Ålander, M., 2023. High north, high tension: The end of arctic illusions. *Foreign Policy Research Institute* [online], May 18. Available at: <https://www.fpri.org/article/2023/05/high-north-high-tension-the-end-of-arctic-illusions/>

Belga News Agency, 2023. NATO begins major training exercise in Baltic Sea. *Belga News Agency* [online], 9 September. Available at: <https://www.belganewsagency.eu/nato-begins-major-training-exercise-in-baltic-sea> (Accessed: 16 December 2023).

Arctic Council, 1996. Declaration on the Establishment of the Arctic Council. *Arctic Council* [online], September 19. Available at: <https://oaarchive.arctic-council.org/server/api/core/bitstreams/bdc15f51-fb91-4e0d-9037-3e8618e7b98f/content>

Euronews, 2024. NATO anuncia manobras militares na Europa em décadas. *Euronews* [online], 19 de janeiro. Disponível em: <https://pt.euronews.com/2024/01/19/nato-anuncia-maiores-manobras-militares-na-europa-em-decadas>

Leclerc, G., 2024. Russia's war on Ukraine: Implications for the Arctic. *Think Tank Parlamento Europeu* [online], 11 de janeiro. Disponível em: [https://www.europarl.europa.eu/thinktank/pt/document/EPRS_BRI\(2024\)754604](https://www.europarl.europa.eu/thinktank/pt/document/EPRS_BRI(2024)754604)

Mellen, R., 2023. Russia May Be Planning to Test a Nuclear-Powered Missile. *The New York Times* [online], October 2. Available at: <https://www.nytimes.com/2023/10/02/video/russia-nuclear-missile.html> (Accessed: 13 December 2023).

Wall, C. e Wegge, N., 2023. The Russian Arctic Threat: Consequences of the Ukraine War. Center for strategic and international studies. *CSIS Briefs* [online], January, Center for Strategic and International Studies (CSIS). Available at: <https://www.csis.org/analysis/>

russian-arctic-threat-consequences-ukraine-war (Accessed: 13 December 2023).

Kornhuber, K., et al., 2023. The Disruption of Arctic Exceptionalism: Managing Environmental Change in Light of Russian Aggression. *DGAP Report*, no. 2, February. Deutsche Gesellschaft für Auswärtige Politik (DGAP)/German Council on Foreign Relations. Available at: <https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/media/uploads/documents/The%20Disruption%20of%20Arctic%20Exceptionalism.pdf>

World Wildlife Fund (WWF), 2023. Climate Change. *WWF* [online]. Available at: <https://www.arcticwwf.org/threats/climate-change/> (Accessed: 13 December 2023).

Desafios Políticos e Securitários Decorrentes do Degelo no Ártico

João Barreiros

Advogado Pós-graduado em Gestão de Informações e Segurança pela NOVA IMS.

Mestre em Ciências-Forenses pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa

A região do Ártico registou um aumento global da sua temperatura três vezes superior ao resto do planeta, intensificando a competição pelo seu controlo e impondo novos desafios políticos e de segurança. Esta vasta área que circunda o Polo Norte, tem fronteiras variáveis devido às estações do ano e ao aquecimento global, localiza-se a norte do paralelo 66° 33' 39" N, englobando oito territórios, designadamente o Canadá, Estados Unidos da América, Islândia, Dinamarca (Gronelândia), Suécia, Noruega, Finlândia e Rússia, abrigando cerca de quatro milhões de pessoas, nas quais se incluem aproximadamente 10% de indígenas.

Predominantemente coberto por gelo, cerca de 60% do Ártico é área oceânica, enquanto a

parte continental se caracteriza por *icebergs* e *permafrost*. Na região encontram-se 20% das reservas mundiais de água doce, 25% das reservas mundiais de hidrocarbonetos, minério de ferro, cobre, níquel, fosfatos de zinco e diamantes, assim como grandes reservas piscícolas.

O aumento contínuo do degelo marinho não redefine apenas a geografia da região, mas também intensifica os interesses estratégicos e os desafios enfrentados pelos principais atores internacionais, permitindo o acesso a novas rotas marítimas, para além das sete já existentes, assim como o acesso a recursos naturais anteriormente inacessíveis.

Os Países do Conselho do Ártico

O Conselho do Ártico, estabelecido em 1991 pelos oito Estados-membros com territórios na região, em concertação com seis grupos de povos indígenas, procurou promover formas sustentáveis de desenvolvimento para a região.

Detentor de 40% da massa terrestre do Ártico, o Canadá assume uma posição proeminente no Conselho do Ártico, focalizando-se na promoção da cooperação e na resolução de disputas territoriais, em “cogovernança” com as comunidades indígenas. O Canadá reforçou o patrulhamento da área, quer com navios quebra-gelo, quer mais recentemente com a compra de 16 aeronaves com capacidades antissubmarino, de inteligência, vigilância e reconhecimento, reforçando as capacidades do North American Aerospace Defense Command.

Do mesmo modo, os Estados Unidos da América estabeleceram uma estratégia regional abrangente que incluiu segurança, o combate às mudanças climáticas, o desenvolvimento económico sustentável e a cooperação internacional. Contudo, a invasão da Federação Russa à Ucrânia em 2022 alterou a dinâmica estratégica no

Ártico, impactando tanto na necessidade de reforço da segurança como na expectativa da cooperação multilateral. Com efeito, a Finlândia e a Suécia aderiram à NATO, reforçando a dinâmica estratégica na região. A administração de Biden expressa o seu compromisso contínuo com o Ártico, destacando a necessidade de criação de infraestruturas e segurança marítima reforçadas. A falta de adesão dos Estados Unidos da América à Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar tem prejudicado significativamente as suas reivindicações naquela região.

As nações árticas da Europa estão a adaptar as suas estratégias para enfrentar os desafios e explorar oportunidades decorrentes das transformações no Ártico. A Dinamarca enfatiza a segurança, o desenvolvimento sustentável e a cooperação internacional, reivindicando 895.000 km² no Oceano Ártico. A Finlândia, inicialmente focada em negócios, concentra-se agora na mitigação das mudanças climáticas, destacando áreas como pesquisa tecnológica e bem-estar dos Sámi. A Islândia prioriza o desenvolvimento sustentável e o fortalecimento do Conselho do Ártico, enquanto a Suécia ajusta a sua estratégia para incluir aspetos geopolíticos. A Noruega, soberana sobre Svalbard, equilibra a dissuasão da NATO e a cooperação multilateral. Essas abordagens refletem a crescente importância do Ártico no cenário mundial, com as mudanças climáticas a acelerar o degelo e a tornar a região crucial para a segurança, desenvolvimento sustentável e cooperação internacional.

A Rússia, por sua vez, destaca a importância estratégica da região, evidenciada pela assinatura de uma nova doutrina naval, em 2022, focada na zona ártica e na Rota do Mar do Norte. O crescente envolvimento militar russo no Ártico sublinha a importância económica da região, continuando a expandir

e reforçar as suas instalações militares, apesar dos desafios económicos provocados pelas sanções ocidentais e pela invasão da Ucrânia.

Atores Externos

O investimento chinês na região, impulsionado pela Iniciativa "One Belt One Road", cresce, enquanto a Rússia procura parceiros económicos devido às sanções ocidentais. A cooperação internacional, especialmente no Conselho do Ártico e mediante regulamentações marítimas, é essencial para enfrentar os desafios do Ártico e garantir a segurança ecológica e humana na região.

Outros atores internacionais, mesmo sem território no Ártico, demonstram interesses políticos, militares, económicos e científicos. A China almeja um papel construtivo, vinculando a Rota Marítima do Norte à Iniciativa "One Belt One Road". A Índia, observadora desde 2013, concentra-se em pesquisas sobre as mudanças climáticas. O Japão atua diplomaticamente, focando-se na observação e pesquisa do Ártico. A Coreia do Sul contribui com iniciativas científicas e comerciais, enquanto Singapura também manifesta interesse na navegação pelo Ártico. A França lançou uma estratégia polar até 2030, destacando a crescente presença e a importância estratégica no Ártico. A União Europeia procura, desde 2008, criar uma política coerente para o Ártico, destacando o interesse em se tornar observadora permanente no Conselho do Ártico.

Conclusão

Em suma, as preocupações com segurança, geoestratégia, diplomacia e proteção ambiental prevalecem. As disputas territoriais podem-se tornar mais preocupantes e relevantes com o avançar do degelo, principalmente pelo facto de a Rússia mostrar um desrespeito generalizado

pelo Direito Internacional, com episódios de imposições de regras a navios estrangeiros que navegam nas suas águas do Ártico, enquanto, em sentido inverso, lançam a nova "Rota Marítima do Norte", fomentando o comércio com a China e a expansão das novas rotas estratégicas. Do mesmo modo, a luta pelos recursos naturais, gás, petróleo e, no futuro, água doce, centram as atenções de todos os atores com interesse na região.

A cooperação militar entre a NATO e os Estados árticos cresce, com exercícios conjuntos, como o Exercise Cold Response 2022 e mais recentemente a programação do exercício Steadfast Defender 2024, a decorrer em maio. A Rússia acusa a NATO de aumentar a presença militar no Ártico, considerando-a provocatória. Contrariando esta retórica, em 2022 a Rússia conduziu os exercícios militares chamados Umka-2022 no Mar de Chukchi, no Oceano Ártico, próximo do Alasca.

A segurança está intrinsecamente ligada à proteção ambiental e ao combate às alterações climáticas, cruciais para o desenvolvimento sustentável e a proteção das populações indígenas. O Ártico desempenha um papel vital na sustentabilidade global e nas políticas de descarbonização. A urgência em agir é evidente, visando evitar conflitos e, sobretudo, prevenir o catastrófico degelo até 2030, que terá impactos irreversíveis na vida humana e no planeta, apesar do degelo configurar a oportunidade para o desenvolvimento económico para alguns dos atores da região.

Desafios Securitários na Região Ártica

João Leal

Doutor em História, Defesa e Relações Internacionais. Especialista em Geopolítica do Ártico.

A região ártica que consideramos consubstancia um espaço que integra o Oceano Ártico, as suas ilhas e as massas continentais setentrionais dos Estados ribeirinhos do Ártico: EUA (Alasca), Canadá, Dinamarca (Gronelândia), Islândia, Noruega e Rússia. Tem granjeado atenção crescente pela comunidade internacional fruto de impactos visíveis resultantes das alterações climáticas no degelo, na navegabilidade das rotas marítimas (muito exagerada), na pretensa conflitualidade entre Estados resultante de contendas por recursos naturais, e de um papel mais assertivo da China na região.

No entanto, as disputas na região têm evoluído de forma positiva, muito com base na Convenção das Nações Unidas Sobre o Direito do Mar (CNUSDM). Em 2024 já não existem conflitos territoriais, as Zonas Económicas Exclusivas (ZEE) estão substancialmente acordadas e, embora ainda persistam pequenas disputas, até as propostas sobrepostas de extensão da Plataforma Continental (PC) têm auferido de progressos relevantes; a exceção reside nas reivindicações relativas à Cordilheira de Lomonosov, a única que em nosso entender pode redundar em relações de conflitualidade, atentos os vultuosos proveitos que aí podem ser obtidos.

A United States Geological Survey (USGS) e Wood Mackenzie estimam que cerca de 30% das reservas mundiais ainda não descobertas de petróleo e 13% de gás natural estejam encerradas na região ártica, mas podem não ter a dimensão profusamente aludida em artigos científicos, pelos *media* e

em documentos oficiais, pois por razões científicas que não desenvolvemos a USGS, Pavel Baev, Couteau-Bégarie e Katarzyna Zysk consideram que estas estimativas podem estar demasiado empoladas. Aditamos que dentro de três décadas até podem nem ter relevância, atentos os elevados custos de exploração e comercialização destes recursos, e políticas ambientais que privilegiarão as energias renováveis.

A navegabilidade do Ártico reveste-se da maior relevância, por proporcionar enormes vantagens na integração das Passagens do Nordeste e do Noroeste no comércio internacional, por reduzir em 40% a distância entre os principais mercados mundiais e ainda por diversificar as rotas comerciais, evitando constrangimentos existentes nas rotas mais meridionais. Porém, é a possibilidade de se atribuir o estatuto de Estreito Internacional a determinados estreitos das passagens mencionadas que pode resultar em relações de conflitualidade. O tema é complexo, pois EUA e Rússia pretendem fazer vingar esse estatuto no Ártico (a Rússia apenas na Passagem do Noroeste), mas já seria inaceitável para os EUA que navios, submarinos e aviões da Rússia e da China cruzassem sem constrangimentos de maior esses estreitos na costa do Canadá e Alasca, e para a Rússia que a NATO auferisse dos mesmos direitos na sua costa.

Quando a China divulgou a sua estratégia para o Ártico em 2018, autointitulou-se Near Arctic State, asseverou pretender contribuir para os termos em que a navegação marítima e exploração de recursos naturais acontecerão no futuro. Mas, foi com o advento da guerra Rússia-Ucrânia, que passou a auferir de vantagem estratégica na relação com a Rússia, que fruto de sucessivas sanções pela generalidade dos Estados ocidentais teve de abandonar as tradicionais desconfianças e de se voltar para o gigante

asiático – o maior importador de energia do mundo e suficientemente robusto financeiramente para a apoiar. Esta relação de simbiose tem-lhes permitido alcançar os respetivos objetivos na região ártica, privilegiando colossais projetos de petróleo e gás natural e viabilizando o transporte marítimo; no entanto, a China terá de a gerir com cautela, pois pode perder a confiança do Ocidente, logo dos Estados ribeirinhos do Ártico, o que não interessa a quem pretende implementar e dinamizar a Polar Silk Road.

Putin reputa a região ártica como fundamental para a viabilidade financeira da Federação, e local de possível confrontação com o Ocidente, pelo que tem apostado na modernização da Frota do Norte, estacionada em Murmansk, que alberga, entre outros, a maioria dos navios quebra-gelo e dos submarinos nucleares russos, assim como inúmeros navios de superfície e brigadas com capacidade para atuar nas mais inóspitas zonas do Ártico. Paralelamente vem fomentando a presença militar na região, construindo novas bases militares e reabilitando outras do tempo da União Soviética, estrategicamente localizadas ao longo da Passagem do Nordeste, mas que na nossa opinião têm valor mais simbólico que operacional.

Concomitantemente, vêm-se realizando exercícios militares da NATO e da Rússia (por vezes também com a China) na região, com o intuito de se testarem capacidades e principalmente de dissuadir a outra parte de entrar em confronto, através de demonstrações de força cada vez mais robustas. No entanto, consideramos que esta arena da confrontação Rússia-EUA/NATO se tem mantido estável, quando comparada com outras zonas do globo terrestre.

De Espetador a *Near-Arctic State*: as Ambições Chinesas no Polo Norte

Paulo Afonso B. Duarte

Professor Auxiliar na Universidade Lusófona e Professor Auxiliar Convidado na Universidade do Minho.

As raízes do envolvimento chinês no Ártico remontam a 1882, quando os cientistas chineses participaram no Primeiro Ano Polar Internacional. Contudo, a China só se tornou mais ativa nas expedições ao Ártico na década de 90, tendo adquirido o seu primeiro navio quebra-gelo, o Xue Long, em 1993, à Ucrânia. Mais tarde, em 2004, a China construiu a sua primeira estação de pesquisa no Ártico, mais precisamente em Svalbard, Noruega, chamada Yellow River.

A retórica oficial da China para justificar a sua presença no Ártico abrange duas fases. A primeira, de 1990 a 2017, é caracterizada pela preocupação da China com o aquecimento global. A segunda teve início em 2018, com a publicação do *Livro Branco Chinês para o Ártico*, que veio proporcionar uma justificação para a presença chinesa no Polo Norte. Neste documento, as autoridades chinesas reconhecem o seu interesse em explorar os recursos naturais do Ártico, incluindo as rotas marítimas e o turismo. A Gronelândia tornou-se um estudo de caso enquanto parte da Rota da Seda Polar chinesa. Em 1979, a Gronelândia obteve autonomia face à Dinamarca, exceto em matéria de política externa e de defesa, tendo a lei de 2009 introduzido a possibilidade de independência do território. Embora a Gronelândia ambicione declarar a independência total face à Dinamarca, Nuuk depende, todavia, dos subsídios anuais de Copenhaga. Por conseguinte, para conseguir a independência, a Gronelândia precisa, primeiramente, de substituir a sua dependência económica em relação à Dinamarca por um investidor estrangeiro. Tal objetivo encaixa na estratégia

da China face ao Ártico. De facto, de 2008 a 2019, a China esteve envolvida em cinco projetos diferentes. Quatro deles envolvem a exploração de petróleo, ferro, minério, metais de terras raras e urânio, enquanto o quinto visa a construção de aeroportos em Nuuk, Ilulissat e Qaqortoq. Preocupado com as implicações geoestratégicas decorrentes do dinamismo chinês na Gronelândia – a que se pode acrescentar a vontade de Pequim construir uma estação de satélite suscetível de servir o sistema de navegação Beidou –, o então Presidente Donald Trump expressou, em agosto de 2019, o desejo de “comprar” a Gronelândia. Embora controverso e até anedótico, o episódio está marcado de simbolismo geoestratégico, já que Trump e os seus conselheiros perceberam que a localização da Gronelândia, os seus recursos e papel fundamental nas iniciativas da China no Ártico poderiam prejudicar os interesses dos EUA.

Outro caso digno de registo é o da Islândia, dada a sua importância geopolítica e geoestratégica nas incursões chinesas no Ártico. A Islândia possui hidrocarbonetos, minérios e peixe. Tal como a Gronelândia, é importante para a Rota da Seda Polar, ao servir de plataforma para o transporte marítimo transártico, numa altura em que uma nova corrida ao Ártico se materializa na competição por rotas e plataformas de transporte marítimo, recursos naturais e influência política. Além disso, a Islândia, que viu na China um apoio fundamental aquando do seu colapso económico em 2008, tem tirado partido dos interesses chineses para reforçar a sua economia. A relação da Islândia com a China em tempos económicos difíceis explica que, apesar da oposição dos EUA, ela tenha sido o primeiro país europeu e membro da NATO a assinar um acordo

de comércio livre com a China, em 2013. Assim, a Islândia tem vindo a capitalizar a sua margem de manobra (maior do que a da Gronelândia) para se envolver mais com a China, beneficiando da competição de atores externos pelos seus recursos naturais, bem como da sua posição geoestratégica. Embora a Islândia não tenha aderido formalmente à Rota da Seda Polar, têm-se verificado, até à data, várias iniciativas de cooperação a nível bilateral. Por exemplo, a China tem explorado petróleo e gás em Dreki, entre a Islândia e a Noruega. Outro exemplo de cooperação sino-islandesa é visível na implementação de um Centro Sino-Islandês de Investigação e Desenvolvimento Geotérmico, na sequência do acordo de cooperação, assinado em 2015, entre a Arctic Green Energy Corporation, a Sinopec Star Petroleum e a Autoridade Nacional de Energia da Islândia.

As próximas décadas poderão marcar o início do fim da *santuarização* do Polo Norte, acompanhado das oportunidades decorrentes do rápido degelo. Afinal, num planeta de recursos escassos, não há fronteiras proibidas e, por outro lado, as fronteiras são, na perspetiva chinesa, maleáveis, já que seguem os interesses económicos do país. Governar o Ártico Global face à interdependência existente é um exercício cada vez mais difícil, se interpretado a partir das posições de poder da China e da Rússia. Moscovo parece estar num patamar mais fraco, tendo em conta as suas capacidades limitadas para gerir mais de 20.000 km de costa ártica e o seu isolamento económico em relação à China no contexto das sanções ocidentais, desde março de 2014 e fevereiro de 2022. Embora o Ártico seja mais estratégico do que nunca para o Kremlin, a região configura hoje um novo dilema de segurança alimentado por

soberanias e contestações exacerbadas. Se este dilema será gerido com estratégias de dissuasão da velha escola, ou com a aposta no diálogo entre as múltiplas partes interessadas, permanece uma questão em aberto.